

A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS SÓCIO-HISTÓRICOS NO ATO DE ASSUMIR A BISEXUALIDADE

THE INFLUENCE OF SOCIO-HISTORIC DISCOURSES ON THE ACT OF ASSUMING BISEXUALITY

Bibiane Trevisol

<https://orcid.org/0009-0000-7718-6956>

Luciana Maria Crestani

<https://orcid.org/0000-0003-1265-7803>

Resumo: Este artigo deriva de uma pesquisa de doutorado sobre a influência de discursos sócio-históricos na aceitação da bissexualidade. Dada a invisibilidade da bissexualidade, sobretudo em contextos sociais conservadores, o estudo busca compreender fatores envolvidos no ato de assumir-se ou não bissexual, considerando discursos que exercem influência sobre as escolhas dos sujeitos. Trata-se de uma pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas com participantes nascidos entre as décadas de 1960 e 2000. Neste artigo, como recorte representativo dos resultados obtidos, apresentamos a análise discursiva de uma entrevista com uma participante nascida na década de 1990, que se identifica como mulher e bissexual. O aporte teórico se dá, principalmente, com base em Greimas e Courtés (2013), Fiorin (2000), Barros (2011) e Landowski (2012), que discutem as relações entre discurso, ideologias e identidades, em diálogo com autores como Foucault (1999), Angelides (2001) e Shaw (2022), que abordam as interações entre discurso e sexualidade. A análise da entrevista apoia-se em categorias da semiótica discursiva (Fiorin, 2016; Barros, 2000) e da sociosemiótica (Landowski, 2012), articuladas com o referencial teórico. Os resultados evidenciam como discursos familiares, religiosos e sociais influenciam as decisões da entrevistada, revelando o peso das ideologias na construção da identidade bissexual. O estudo contribui para uma compreensão mais ampla dos aspectos ligados à bissexualidade e aponta para a necessidade de espaços mais inclusivos na sociedade e no movimento LGBTQIAPAN+.

Palavras-chave: Bissexualidade; Identidade; Discursos sócio-históricos; Ideologias; Preconceito.

Abstract: This article derives from a doctoral research project on the influence of socio-historical discourses on the acceptance of bisexuality. Given the invisibility of bisexuality, particularly in conservative social contexts, the study seeks to understand the factors involved in the act of identifying as bisexual or not, considering discourses that exert influence on individuals' choices. It is based on field research conducted through interviews with participants born between the 1960s and 2000s. In this article, as a representative segment of the results obtained, we present the discursive analysis of an interview with a participant born in the 1990s, who identifies herself as a woman and bisexual. The theoretical framework draws primarily on Greimas and Courtés (2013), Fiorin (2000), Barros (2011), and Landowski (2012), who discuss the relations between discourse, ideologies, and identities, in dialogue with authors such as Foucault (1999), Angelides (2001) and Shaw (2022), who address the intersections between discourse and sexuality. The interview analysis is based on categories from discursive semiotics (Fiorin, 2016; Barros, 2000) and sociosemiotics (Landowski, 2012), articulated with the theoretical framework. The results highlight how family, religious, and social discourses influence the interviewee's decisions, revealing the weight of ideologies in the construction of bisexual identity. The study contributes to a broader understanding of aspects related to bisexuality and points to the need for more inclusive spaces in society and within the LGBTQIAPAN+ movement.

Keywords: Bissexuality; Identity; Socio-historical discourses; Ideology; Prejudice.

INTRODUÇÃO

A constituição identitária dos sujeitos é marcada por múltiplos fatores, individuais e coletivos, que se entrelaçam na relação com o outro e com a sociedade. Embora certos aspectos da identidade não sejam determinados pelo meio, os percursos sociais e os discursos que circulam no espaço público desempenham papel decisivo na forma como cada indivíduo manifesta sua subjetividade, se reconhece e é reconhecido. É nesse horizonte de múltiplas determinações que se inscreve o presente artigo, investigando como discursos que atravessam a vida social participam da constituição das identidades sexuais³, com especial atenção às experiências de sujeitos que se reconhecem como bissexuais.

O interesse pelo tema advém do reconhecimento de que vivemos em tempos de intensas transformações, em que os discursos sobre orientação sexual se diferenciam significativamente daqueles de décadas passadas. Observa-se uma maior abertura no modo de falar e de viver essas experiências, antes fortemente marcadas por coerções sociais e restrições de liberdade. Há que se admitir, entretanto, que discursos dessa natureza ainda repercutem sobre as decisões e atitudes dos sujeitos. É nesse cenário que se insere o artigo ora em pauta. Ele se configura como recorte de uma tese de doutoramento dedicada a investigar a influência de discursos sócio-históricos sobre o ato de assumir (ou não) a bissexualidade⁴. Para a tese, foram entrevistados sujeitos bissexuais nascidos em diferentes décadas (de 1960 a 2000), partindo-se da hipótese de que, quanto mais distante a década, mais fortes eram os discursos heteronormativos e menor a identificação como bissexual; ao contrário, em décadas recentes, a maior abertura discursiva favorece o reconhecimento dessa identidade.

Neste artigo, como recorte representativo dos resultados obtidos, apresentamos a análise discursiva de uma entrevista com uma participante nascida na década de 1990, que se identifica como mulher e bissexual. A análise, construída a partir de excertos, busca evidenciar as tensões discursivas que atravessam seu percurso identitário, destacando os fatores que condicionaram tanto a ocultação quanto a revelação da bissexualidade.

Do ponto de vista teórico, o artigo se embasa nos estudos de Greimas e Courtés (2013), Fiorin (2000), Barros (2011) e Landowski (2012), para discutir

³Utilizamos a expressão "identidade sexual" para designar o modo como o sujeito se reconhece e é socialmente reconhecido em relação à sua sexualidade. Alinhamo-nos, porém, às problematizações de autores como Foucault (1999), Angelides (2001) e Shaw (2022), que compreendem a identidade não como uma essência fixa, mas como uma construção discursiva, relacional e atravessada por dispositivos de poder e normas sociais.

⁴A tese pode ser acessada pelo link: *E eu gosto de homens e de mulheres e você o que prefere?: a influência dos discursos sócio-históricos no ato de assumir a bissexualidade*. <https://repositorio.upf.br/items/645361c8-d917-4559-8d26-67cadab99a6b>.

dinâmicas associadas à identidade e aos discursos ideológicos que intervêm na constituição subjetiva, em diálogo com autores como Butler (1990), Foucault (1999), Angelides (2001) e Shaw (2022), que demarcam as relações entre discurso e sexualidade. A análise da entrevista apoia-se em categorias da semiótica discursiva (Fiorin, 2016; Barros, 2000) e da sociossemiótica (Landowski, 2012), articuladas com o referencial teórico.

O artigo vem assim organizado: inicialmente, propomos reflexões sobre discurso, identidade e alteridade, ressaltando o papel dos discursos enquanto veículos de ideologias que intervêm na construção e reconhecimento de identidades subjetivas e sociais. Num segundo momento, apresentamos estudos sobre a bissexualidade, destacando discursos religiosos, médicos e científicos em torno da sexualidade não heteronormativa, bem como a influência do movimento LGBTQIAPN+ nesse contexto. Logo após, apresentamos a metodologia e realizamos a análise da entrevista. Por fim, procedemos às considerações finais.

DISCURSO, IDENTIDADE E ALTERIDADE

Discurso e formações identitárias mantêm uma relação de interdependência, assim como discurso e ideologia. É fundamental compreender que os sujeitos são sempre atravessados por ideologias, constituídos por práticas e pensamentos que se inscrevem nos discursos ao longo da vida. Cabe destacar, ainda, que os discursos são de natureza social, razão pela qual refletem e refratam ideologias, atuando como mediadores na construção das identidades subjetivas e coletivas.

Fiorin (2000, p. 41) explica que "o discurso é a materialização das formações ideológicas, sendo, por isso, determinado por elas [...] no nível discursivo, o homem está preso aos temas e às figuras⁵ das formações discursivas existentes na formação social em que está inserido". Nesse sentido, reproduzimos discursos captados em processos de aprendizagem linguística e em experiências adquiridas como seres sociais. O enunciador, portanto, não está livre das coerções sociais. Internalizamos formações discursivas que tendemos a reproduzir sob a ilusão de estarmos produzindo um discurso próprio, abrigando, assim, ideologias dominantes.

Os discursos que circulam em determinado tempo e espaço regulam pensamentos e atitudes, impondo coerções que naturalizamos sem perceber e que, em outros contextos históricos e sociais, poderiam ser diferentes. Ao analisar

⁵Os conceitos de figuras e temas, próprios da semiótica discursiva, serão explicitados na seção metodológica, quando apresentamos os procedimentos de análise. Para uma introdução básica à semiótica discursiva, ver Fiorin (2016) e Barros (2000).

a sexualidade na Grécia Antiga, por exemplo, Shaw (2022) demonstra que práticas afetivas e eróticas entre pessoas do mesmo sexo eram socialmente aceitas e até mesmo valorizadas em determinados contextos, o que evidencia que as normas sexuais não são universais ou atemporais, mas construções discursivas situadas historicamente. Assim, o que hoje pode ser considerado marginal ou desviante já ocupou lugar de legitimidade em outras formações sociais.

Essa historicidade dialoga com Foucault (1999), que mostra como a sexualidade é atravessada por regimes de saber-poder⁶ que definem o que pode ser dito e vivido em cada época. Mais do que negar uma essência natural, sua análise evidencia os mecanismos discursivos que intervêm sobre os modos de ser e agir dos sujeitos, revelando que a identidade se constrói de maneira inconsciente, permeada por discursos sociais e modos de vida assimilados ao longo do tempo.

A identidade relaciona-se intrinsecamente à alteridade, pois depende dela para se reconhecer. Greimas e Courtés (2013) lembram que identidade e alteridade são conceitos interdefiníveis, indispensáveis para fundamentar a significação. A alteridade manifesta-se quando grupos ou indivíduos se diferenciam do grupo tomado como referência social, seja na religião, família, política ou nacionalidade.

No campo da sexualidade, essa dinâmica se revela quando identidades não heteronormativas, como a bissexualidade, são posicionadas como alteridade frente ao padrão social dominante. Nesse contexto, é importante considerar que, ao romper com a lógica binária hetero/homo, o sujeito bissexual desafia simultaneamente a normatividade heterossexual e homossexual. Tal situação ilustra que, de modo geral, as identidades se constroem em relação à diferença e que o reconhecimento da alteridade é condição constitutiva do sujeito.

Landowski (2012, p. 4) explica que "o sujeito tem necessidade de um ele – dos 'outros' (eles) – para chegar à existência semiótica". O Outro, portanto, não é apenas um dessemelhante, mas também a marca da incompletude do "eu", que nos mantém em constante busca por pertencimento em um "grupo de referência", entendido como a coletividade que partilha identificações, valores e traços identitários comuns. Em suma, a identidade se constrói em relação ao Outro, por meio de processos de comparação e diferenciação.

A mútua dependência existencial seria motivo suficiente para firmarem-se relações harmônicas, mas não é o que acontece. Como entram em jogo relações de poder, a alteridade pode assumir a forma de ameaça face a um grupo

⁶Em Foucault (1999), o termo "saber-poder" designa a indissociabilidade entre conhecimento e relações de poder. Para o autor, não há saber neutro: todo conhecimento está implicado em práticas de poder e todo poder se exerce produzindo saberes. Essa dinâmica cria regimes de verdade que classificam, normatizam e moldam subjetividades, regulando comportamentos (considerados aceitáveis ou não) e influenciando identidades. É o caso da sexualidade, que se tornou objeto privilegiado de vigilância e controle.

identitário, uma vez que destoa dos valores comuns ao grupo e desestabiliza concepções cristalizadas. Na intersecção dessa instável relação, quando se instalam no cotidiano, as diferenças atinentes ao Outro passam a ser vistas como exotismo e determinam a manifestação de "práticas de enfrentamento sociocultural de caráter às vezes dramático" (Landowski, 2012, p. 4). Este fenômeno ocorre porque cada grupo de referência busca manter a sua homogeneidade interna, acreditando que a aceitação da heterogeneidade levaria ao não reconhecimento de si próprio, sem ter a percepção de que é justamente ela que o faz existir.

Nesse esforço de neutralizar a diferença emergem os discursos de intolerância, que acompanham a história da humanidade e se materializam em práticas de exclusão, segregação e aniquilamento de grupos considerados distintos. Tais discursos se sustentam na construção de estereótipos negativos e preconceitos que desumanizam o Outro, justificando sua marginalização. Héritier (1998) argumenta que a intolerância busca assegurar a coesão de um grupo ao eliminar aquilo que ameaça sua homogeneidade, reforçando uma dinâmica de poder assimétrica que perpetua desigualdades e priva sujeitos de direitos básicos.

Barros (2011) explica que os discursos intolerantes são predominantemente de sanção negativa, movidos por paixões como medo e ódio, e estruturados na oposição semântica igualdade/identidade **vs.** diferença/alteridade. Esses discursos figurativizam o Outro como anormal, doente ou imoral, legitimando sua exclusão. O medo, nesse contexto, funciona como mecanismo de neutralização social e sustenta práticas discriminatórias que reverberam ao longo do tempo. Um exemplo claro é a dificuldade de muitos sujeitos em assumir suas identidades sexuais diante das sanções negativas e do temor das punições sociais que historicamente lhes foram impostas. Tal temor também se revela na entrevista objeto de estudo, como se verá adiante.

Essa dinâmica de intolerância e exclusão encontra respaldo em discursos religiosos, científicos e médicos que, ao longo da modernidade, passaram a classificar e normatizar os corpos e os desejos. Foucault (1999) mostra que, no cristianismo, práticas como a confissão e a moralização dos prazeres transformaram a sexualidade em objeto de vigilância e normatização, regulada pela lógica do pecado e da salvação. Essa lógica foi herdada pelos discursos médicos e científicos, que converteram o pecado em patologia e medicalizaram a sexualidade, enquadrando práticas dissidentes como anormais. Angelides (2001) evidencia como discursos médicos e psicológicos consolidaram estereótipos sobre grupos não heteronormativos, enquadrando homossexualidade e bissexualidade como categorias problemáticas e ameaçadoras à ordem social.

Assim, ciência e medicina atuaram como dispositivos de poder que sustentaram práticas de intolerância e exclusão.

É preciso considerar que as classificações e estereótipos não operam apenas no plano discursivo, mas estruturam concretamente as formas de interação entre grupos identitários. Nesse sentido, as dinâmicas descritas por Foucault e Angelides encontram correspondência nos processos analisados por Landowski (2012), que identifica quatro regimes de interação com o Outro: **assimilação**, **admissão**, **segregação** e **exclusão**. Essas quatro formas de interação se solidificam através do discurso e revelam relações de poder. Conforme Landowski (2012), a **assimilação** ocorre quando o Outro internaliza os significados do grupo de referência, passando de diferente a igual. A **admissão**, por sua vez, implica reconhecimento e acolhimento do Outro, mesmo diante das diferenças, favorecendo o diálogo. Já a **segregação** caracteriza-se pelo distanciamento e pela criação de barreiras, sustentadas por preconceitos ou estereótipos, enquanto a **exclusão** representa a negação radical do Outro, silenciando sua voz e invalidando suas experiências.

Tais regimes de interação também se aplicam às questões de identidade sexual. Neste estudo, eles constituem um eixo de análise para compreender a dinâmica das interações da entrevistada com grupos familiares, sociais e religiosos. Os estereótipos que sustentam essas formas de interação não surgem de modo espontâneo, eles resultam de percepções sociais historicamente estabelecidas, que se perpetuam e se reforçam pela repetição em discursos cotidianos e práticas sociais. Nesse contexto, a sociedade heteronormativa funciona como grupo de referência, enquanto os bissexuais assumem o papel do Outro (o diferente), enfrentando desafios específicos para serem aceitos e/ou reconhecidos.

Quando identidades sexuais são silenciadas ou invisibilizadas na esfera pública, instala-se um processo de repressão que dificulta o reconhecimento e a afirmação pessoal. Em contextos de não aceitação da bissexualidade, faltam referências sociais e abertura para diálogos, o que restringe a validação da experiência individual, reforçando padrões heteronormativos. Entretanto, como aponta Foucault (1999), os discursos não apenas normatizam e enquadram identidades, mas também podem abrir espaços de contestação e reconhecimento. O surgimento de debates sobre a bissexualidade exemplifica esse movimento, transformando o que antes era silenciado em possibilidade de visibilidade e aceitação, permitindo que sujeitos afirmem suas experiências e reivindiquem lugar na esfera social. É nessa direção que avançam as considerações do próximo tópico.

DO ARMÁRIO: Discursos sobre a bissexualidade

Com o intuito de conceituar a construção sócio-histórica do termo e do uso da palavra bissexualidade, por consequência do emprego dela como uma classificação da sexualidade e de uma categoria identitária mais recente, Sullivan (2003, p. 1) explica que

A sexualidade não é natural, ao invés disso, é discursivamente construída. Além do mais, a sexualidade [...] é construída, experimentada e compreendida de maneiras cultural e historicamente específicas. Assim, poderíamos dizer que não existe a possibilidade de uma explicação verdadeira ou correta da heterossexualidade, da homossexualidade, da bissexualidade, e assim por diante. De fato, estas mesmas categorias usadas para definir tipos particulares de relações e práticas são cultural e historicamente específicas e não tem operado em todas as culturas em todas as épocas.

Nesse sentido, ao discutir a bissexualidade como categoria histórica e cultural, Julia Shaw (2022), em *InvisiBilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade*, demonstra como diferentes sociedades ao longo da história lidaram com práticas homoeróticas e relações entre pessoas do mesmo sexo sem recorrer às categorias modernas de "heterossexualidade" e "homossexualidade". Ela destaca que, na Grécia e na Roma antigas, tais relações eram integradas ao tecido social e frequentemente estruturadas em torno de dinâmicas de idade, poder e mentoria. Já na China imperial, registros apontam para a aceitação de concubinos masculinos entre imperadores, evidenciando uma forma institucionalizada de bissexualidade vinculada ao status e à elite cortesã.

Shaw (2022) enfatiza que a bissexualidade, longe de ser uma identidade marginal ou "indefinida", constitui parte essencial da experiência humana, presente em diferentes culturas e épocas. Por outro lado, a autora também demonstra como, ao longo da modernidade, tanto a ciência quanto os discursos sociais contribuíram para invisibilizar essa orientação, ora reduzindo-a a uma fase transitória, ora negando sua legitimidade. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que resgatam exemplos históricos de fluidez sexual, os estudos de Shaw (2022) apontam mecanismos contemporâneos de silenciamento e marginalização.

Nesse debate, é relevante também a contribuição de Judith Butler (1990), que problematiza a inteligibilidade das identidades sexuais dentro da matriz heterossexual compulsória. Butler (1990) argumenta que categorias como "heterossexualidade" e "homossexualidade" são produzidas por normas binárias que regulam o desejo e delimitam quais identidades podem ser reconhecidas como legítimas. A bissexualidade, por não se inscrever de modo estável nesse binário, tende a ser apagada ou considerada "menos autêntica", tornando-se

frequentemente invisibilizada. Assim, Butler ajuda a compreender como esse apagamento é também estrutural, resultado da própria lógica normativa que organiza o campo da sexualidade.

Foucault (1999) defende que, historicamente, a sexualidade não foi simplesmente reprimida, mas produzida discursivamente. Ele mostra como práticas religiosas (como a confissão) incitaram os sujeitos a falar sobre seus desejos, instaurando mecanismos de vigilância e autorregulação. Na confissão, o sujeito era obrigado a narrar seus desejos, pensamentos e atos íntimos diante de uma autoridade, geralmente o padre. Essa prática não apenas classificava condutas como pecado ou virtude, mas também produzia saberes sobre a sexualidade. Ao exigir a confissão, o discurso religioso instaurava uma lógica de vigilância e controle, em que o sujeito internalizava normas e passava a se autorregular, moldando sua conduta segundo os parâmetros morais estabelecidos.

Com o tempo, essa lógica da confissão se expandiu para outros campos, como o médico, o jurídico e o pedagógico. O sujeito passou a ser instado a falar sobre si em consultas médicas, processos judiciais e entrevistas escolares, entre outros espaços. A multiplicação de discursos criou uma abertura discursiva: a sexualidade deixou de ser apenas um tema religioso e passou a ser objeto de saber científico, jurídico e social. Essa abertura, contudo, gerou novas formas de normatização, já que cada campo produziu classificações que separavam o "correto" do "desviante", o "normal" do "patológico" (Foucault, 1999).

Nesse processo, segundo o autor, consolidaram-se categorizações que reforçaram a ideia de que a sexualidade deveria ser constantemente vigiada e regulada. No campo religioso, a regulação se dava pela oposição entre salvação e pecado; no campo médico, pela distinção entre saúde e doença; e no campo jurídico, pela separação entre legal e ilegal. Essas categorizações não apenas delimitavam condutas aceitáveis, mas também criavam identidades sexuais (como heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade) situadas em relação a normas de correção ou desvio.

De acordo com Angelides (2001), três significados foram associados ao termo "bissexual" no transcorrer da história: primeiro, como combinação anatômica de homem e mulher; depois, como junção psíquica de masculinidade e feminilidade; e, por fim, como união entre heterossexualidade e homossexualidade. A primeira concepção, que prevaleceu do século XVII ao início do século XX, foi usada nos campos da Medicina, Direito e Teologia para se referir a pessoas com atributos biológicos ou anatômicos considerados femininos e masculinos (atualmente denominados intersexuais).

O segundo conceito, utilizado no campo da Psicanálise, foi aplicado para explicar a combinação de masculinidade e feminilidade psicológica, sugerida primeiramente por Richard von Krafft-Ebing como "hermafroditismo psicosexual". Depois, foi desenvolvida e popularizada por Freud com o termo "bissexual", para descrever uma "predisposição bissexual" inata que levava os indivíduos a se tornarem homossexuais ou heterossexuais quando amadureciam (Heenen-Wolff, 2010).

Ao abordar a bissexualidade em seus ensaios sobre as teorias da sexualidade, Freud a situa no subtópico "Aberrações sexuais", no qual discute os chamados "invertidos" em relação ao objeto sexual. Para ele, tais sujeitos revelariam "um indício inato de degeneração nervosa, e se harmonizava com o fato de os observadores médicos a terem encontrado primeiramente em doentes nervosos ou em pessoas que davam impressão de sê-lo" (Freud, 2016, p. 24). Além disso, ao considerar que o indivíduo é "naturalmente" homem ou mulher, Freud recorre ao conceito de hermafroditismo nos casos em que a anatomia não permite uma definição clara do sexo. Nessa perspectiva, a bissexualidade é concebida como uma forma de "hermafroditismo psíquico" (Freud, 2016, p. 29), estabelecendo uma relação entre a androgenia psíquica e a anatômica.

Já na primeira metade do século XX, Alfred Kinsey e sua equipe realizaram pesquisas pioneiras sobre a sexualidade humana, publicadas em *Sexual Behavior in the Human Male* (1948) e *Sexual Behavior in the Human Female* (1953). No primeiro volume, Kinsey apresenta a chamada Escala Kinsey, que introduziu a ideia de um *continuum* sexual e desafiou a lógica binária predominante. Essa escala foi também aplicada no estudo de 1953, revelando que uma parcela significativa de homens (37%) e mulheres (13%) relatava experiências homossexuais. Essa abordagem empírica deslocou a noção de bissexualidade do campo da patologia para o da diversidade das práticas sexuais, favorecendo a emergência de discursos mais abertos sobre o tema. Esses estudos, como destaca Sullivan (2003), tiveram impacto profundo sobre concepções da época e abriram caminho para novas abordagens científicas.

O terceiro conceito de bissexualidade desassocia-se totalmente dos anteriores. Ele tem sido usado para indicar o desejo que une a heterossexualidade e a homossexualidade (Angelides, 2001). O deslocamento conceitual não ocorreu apenas no campo científico. Estudos como os de Kinsey (1948; 1953) e Hooker (1957)⁷, ao desafiarem a lógica binária, forneceram subsídios para que o ativismo pela liberação gay, nos anos 70, pudesse reivindicar a retirada da

⁷O estudo publicado por Evelyn Hooker demonstrava que homens homossexuais não apresentavam diferenças psicológicas em relação a homens heterossexuais.

homossexualidade da lista de patologias mentais e abrir espaço para a discussão da bissexualidade como identidade legítima. O termo "bissexual" começou a ser reivindicado como forma de ampliar a visibilidade e buscar maior aceitação dessa identidade.

Contudo, os movimentos alternativos da época seguiam centrados nas pautas homossexuais de homens brancos de classe média, deixando de lado tanto as demandas bissexuais quanto a participação das mulheres lésbicas. Essa exclusão levou à formação de coletivos bissexuais autônomos, que se multiplicaram nas décadas de 1980 e 1990 (Angelides, 2001). A conquista pela inclusão da letra B na sigla do movimento ocorreu apenas em 1988, quando a denominação GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) foi substituída por LGB (Lésbicas, Gays e Bissexuais). Pouco depois, em 1990, a sigla passou a ser LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis), incorporando também os transexuais.

Após a inclusão dos bissexuais no movimento, dois marcos se destacam na linha temporal da bissexualidade. Em 1990, foi publicado o *Bissexual Manifesto*, documento que buscou desmistificar estereótipos e afirmar a identidade bissexual dentro do movimento. O segundo marco ocorreu em 1998, com a criação da bandeira do Orgulho Bissexual, por Michael Page. A bandeira é composta pelas cores: magenta, representando a atração por pessoas do mesmo sexo; azul, para demonstrar a atração por pessoas do sexo oposto; e lavanda, simbolizando respectivamente a atração por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto e a fluidez entre ambos os gêneros (BCN, s.d.).

Dos anos 2000 em diante, políticas envolvendo as comunidades LGBTQIAPN+⁸ (sigla que reúne lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer/questionando, intersexos, assexuais, pan/poli, não-binários e outras identidades) passaram a ganhar mais espaço e repercussão no cotidiano social. Isso não significa que o preconceito tenha desaparecido, mas observa-se certo arrefecimento em relação ao passado. Pautas como homofobia, bifobia e transfobia permanecem presentes na mídia tradicional e nas redes sociais, enquanto a liberdade de expressão cresce, tornando mais comum e natural o ato de compartilhar abertamente suas experiências pessoais e afetivas.

O percurso traçado evidencia, de forma sintética, as transformações conceituais produzidas discursivamente ao longo dos tempos. Esses discursos

⁸A sigla que designa o movimento evoluiu ao longo das décadas: de GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) nos anos 1980, para LGB e LGBT nos anos 1990–2000, depois LGBTQIA+ nos anos 2010. A versão mais atual, LGBTQIAPN+, amplia o reconhecimento de diferentes identidades, incluindo pan/poli e pessoas não-binárias.

continuam a exercer influência sobre os sujeitos, moldando percepções, práticas e formas de reconhecimento da bissexualidade.

Na seção que segue, voltamo-nos à descrição da metodologia e, logo depois, à análise da entrevista, onde tais efeitos se tornam visíveis.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo do qual a entrevista em foco faz parte foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o Parecer nº 5.579.734. Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, desenvolvida a partir de um estudo de campo (Gil, 2002), que contou com entrevistas realizadas com sujeitos que se declararam bissexuais e que nasceram em diferentes décadas (1960, 1970, 1980, 1990 e 2000). A divulgação da pesquisa e o convite para participação foram realizados por meio das redes sociais. As entrevistas seguiram o modelo semiestruturado (Gil, 2021), com base em um roteiro previamente definido, mas aberto à inclusão de temas emergentes durante a interação. Esse formato possibilita que os entrevistados expressem livremente suas experiências e percepções, ao mesmo tempo em que o entrevistador mantém o foco nos tópicos centrais da investigação. As entrevistas foram gravadas e transcritas (de forma livre) para fins e análise.

O roteiro da entrevista contemplou os seguintes eixos temáticos: a) apresentação pessoal e identificação como bissexual; b) descoberta da bissexualidade; c) relações familiares e sociais; d) relacionamentos amorosos; e) reconhecimento por outros sujeitos; f) religião e identidade; e g) experiências com o movimento LGBTQIAPN+.

A análise se desenvolve a partir de trechos selecionados da entrevista, que evidenciam o percurso vivenciado pela participante e os fatores que a levaram a ocultar ou revelar sua bissexualidade. Esses fragmentos discursivos são examinados à luz da semiótica discursiva e da sociosemiótica (Landowski, 2012), em diálogo com autores que tecem relações entre discurso e sexualidade.

A semiótica discursiva oferece passos e categorias de análise dos enunciados, a partir dos estudos de Barros (2000) e Fiorin (2016), sobre os níveis que compõem o Percurso Gerativo de Sentido: o nível discursivo, o narrativo e o fundamental.

No nível discursivo, a análise se concentra nas figuras e temas. Neste nível, observamos o que emerge concretamente na fala. As figuras são elementos presentes nos enunciados e que dão forma aos sentidos do discurso – atores (como família, parceiros, amigos), espaços (casa, escola, igreja, redes sociais), tempos (infância, juventude, diferentes décadas) e objetos ou ações que surgem na narrativa (símbolos religiosos, participação em movimentos, assumir-se ou ocultar-se). Os temas, por sua vez, são conteúdos mais abstratos que se

concretizam nas figuras e orientam a análise, como a descoberta da sexualidade, a aceitação ou rejeição pela família, as relações amorosas e sociais, ou a relação com a religião. Esses temas estão postulados no roteiro de entrevista.

No nível narrativo, observamos como essas figuras se organizam em histórias de transformação e ação, considerando as mudanças vivenciadas pelo sujeito e os agentes que influenciam o processo de ocultação ou revelação da identidade bissexual.

No nível fundamental, por fim, identificamos os contrastes semânticos mais profundos que sustentam os sentidos do discurso, tais como normalidade *vs.* anormalidade, aceitação *vs.* rejeição, visibilidade *vs.* invisibilidade.

Já a sociosemiótica permite compreender as dinâmicas das interações entre sujeitos e grupos sociais, analisadas a partir dos regimes de **assimilação**, **admissão**, **segregação** e **exclusão**. Essa perspectiva evidencia como os discursos individuais se articulam às práticas coletivas, revelando os modos pelos quais determinados sujeitos são integrados, tolerados, marginalizados ou afastados, e como tais processos incidem sobre o reconhecimento e a assunção da identidade bissexual.

Para preservar o anonimato, a participante é identificada apenas como "entrevistada" ou "participante", e nos excertos foram suprimidas informações que pudessem permitir sua identificação.

12

O PESO DOS DISCURSOS SÓCIO-HISTÓRICOS SOBRE OS SUJEITOS BISSEXUAIS

Ao iniciar a entrevista, solicitamos à participante que se apresentasse, falando seu nome, sua idade, com o que trabalha e/ou estuda. Trata-se de uma mulher cisgênero, nascida na década de 90 e que no momento da entrevista estava com 31 anos. Prontamente, ela se assume como bissexual:

(00:00:33) Existem os que preferem se dizer pan ou bi. Eu me identifico como bi. Atraída por pessoas, no caso, não é?

No excerto, a participante se autodefine como bissexual, demarcando sua inscrição identitária em meio às categorias disponíveis no espaço social. As figuras ligadas à nomeação ("pan", "bi", "me identifico") concretizam o tema da definição da identidade sexual, enquanto a ideia de escolha e autoafirmação organiza o sentido do discurso. A oposição que embasa o discurso se dá entre definir-se e indefinir-se (no sentido de não assumir uma categoria). A entrevistada opta pela definição, privilegiando a estabilidade e a legibilidade social em detrimento da fluidez ilimitada. À luz da sociosemiótica, essa escolha evidencia um regime de assimilação, marcado pela busca de reconhecimento e pertencimento a um grupo identitário consolidado. Ao optar por "bi", a entrevistada

se insere e se alinha a um espaço já legitimado, revelando como os discursos normativos influenciam as possibilidades de nomeação e reconhecimento da bissexualidade.

Quando perguntamos sobre o primeiro momento em que percebeu que era bissexual, a entrevistada remonta à época de sua adolescência, lembrando que tinha dúvidas sobre certos comportamentos serem ou não indícios de bissexualidade:

(00:01:15) Sim, eu tinha 15 anos. E era aquela coisa de brincadeira de amigas aí, de estar no clube lá na piscina e dar selinho e dar beijo assim embaixo da água [...], mas acho que isso é normal, né? Todo mundo faz isso, não é coisa assim de, sabe! Eu achei que era hétero até.

(00:01:30) eu achei que era uma coisa normal [...] tipo uma brincadeira, mas sempre teve aquela vontade, né? Aquele desejo, aquela coisa de sentir atração por outras mulheres. Mas parece que, ao mesmo tempo, camuflado, como: "ah, isso é carinho de amiga. A mulher é mais próxima de outras mulheres, e é normal sentir isso!" Não que não seja, né? Mas, tipo, é normal no contexto da heteronormatividade sentir. Mas mais pra frente eu fui entender que não era.

(00:03:23) Então, é como eu disse, eu sempre namorei desde muito nova, desde os 15 ali, sempre com homens. Então era aquela coisa de ah! sentir atração, de achar bonita, de ter vontade de beijar, mas não pensava que eu era do vale, né? Eu pensava que era normal se sentir assim e tipo "ai, não, não é nada demais, não é nada". Enfim, eu sentia. Não parava muito para pensar nisso, sabe?

Nos excertos acima, a entrevistada relembra situações da adolescência em que surgiam práticas afetivas e corporais, como o "selinho", o "beijo embaixo da água", "carinho de amiga", "sentir atração", "ter vontade de beijar", que eram interpretadas como brincadeiras inocentes e/ou como naturais pelo sujeito. Essas figuras concretizam experiências de proximidade entre mulheres, mas são enquadradas no escopo da heteronormatividade pela entrevistada, que, na época, as classificava como gestos normais e socialmente aceitos. O desejo aparece camuflado sob a ideia de "carinho de amiga" ou "brincadeira", o que mostra como os limites culturais atuam na interpretação das práticas.

Do nível narrativo, depreendemos um percurso marcado por modalidades conflitantes: na adolescência, o querer (atração por mulheres) aparece neutralizado pelo não-poder querer imposto por discursos heteronormativos. Mais tarde, surge o percurso de autorreconhecimento, em que a entrevistada passa de um estado em que não se reconhece como bissexual para um estado em que se afirma como tal. A retrospectiva revela ainda um processo de reinterpretção,

quando ela toma tais experiências como indícios de sua bissexualidade, embora na época fossem vividas como algo sem maior importância.

No nível fundamental, o discurso organiza-se em torno da oposição entre heteronormatividade *vs.* diversidade sexual, normalidade *vs.* desvio, desconhecimento *vs.* conhecimento. Essa tensão estrutura a dificuldade da participante em reconhecer-se fora de uma orientação sexual unívoca e evidencia a força dos discursos ideológicos que regulam a leitura de suas experiências juvenis. Como já apontamos, quando discursos bissexuais são apagados ou invisibilizados (Butler, 1990; Shaw, 2022), os sujeitos encontram obstáculos para compreender suas próprias experiências e desejos.

Os excertos também revelam um movimento entre diferentes regimes de interação (Landowski, 2012). Num primeiro momento, há assimilação ao grupo de referência heteronormativo, quando a entrevistada interpreta seus desejos como brincadeiras ou gestos de amizade, garantindo pertencimento e aceitação social. Com o tempo, ocorre a admissão em uma nova esfera identitária, marcada pela afirmação da bissexualidade. Esse trânsito evidencia a fluidez identitária (Angelides, 2001), revelando como sujeitos podem circular entre diferentes grupos de referência e discursos normativos. Embora não apareçam diretamente nos excertos, os regimes de segregação e exclusão permanecem como possibilidades latentes, já que o reconhecimento da alteridade frequentemente desestabiliza padrões cristalizados e pode gerar intolerância.

Assim, evidencia-se um percurso de dilemas internos: a entrevistada oscila entre a normalização de seus comportamentos como heterossexuais e o reconhecimento posterior de que eles eram sinais de sua bissexualidade. Essa trajetória mostra como os discursos normativos moldam a percepção das experiências subjetivas e como, com o tempo, o sujeito pode reconfigurar os sentidos atribuídos ao passado. Esse processo é favorecido pela circulação de outros discursos sobre sexualidade, que não se limitam à oposição hetero/homonormativa, ampliando as possibilidades de reconhecimento identitário, como discute Shaw (2022) ao analisar os efeitos da pluralidade discursiva sobre a construção das identidades sexuais.

A pergunta seguinte abordou as preocupações da participante quanto à aceitação de sua identidade sexual pelo grupo familiar. A entrevistada relata não ter proximidade com a família materna, limitando-se a encontros formais. Em relação à família paterna, inicialmente temia a reação por ser um grupo 'fechado' em função da religião e da idade dos membros. Esse cenário mudou quando irmãos assumiram relacionamentos homoafetivos, levando-a a perceber que,

atualmente, "ninguém se importa", embora o medo estivesse presente antes desse reconhecimento:

(00:05:35) Meu irmão que é gay, a minha irmã que era a hétero top dos rodeios, de cavalo e não sei o quê, pois nunca tinha levado um namorado em casa, primeira vez que ela levou foi uma namorada. [...] Não é que não pudesse. Era aquele medo por não saber a reação. Certo, mas hoje em dia tudo normal, assim eu falo assim abertamente sobre mulheres, sobre beijar mulher, sobre namorar mulher, que "ai que fulana é linda, que fulano é..." e nunca fui repreendida, nunca.

Nesse excerto, as figuras evocadas — "família fechada", "catolicismo", "hetero top dos rodeios", "irmão gay", "irmã homoafetiva", "namorada", "beijar mulher", "namorar mulher" — concretizam a relação entre pertencimento familiar e identidade sexual. As três primeiras remetem a uma percepção inicial da família como adepta a concepções heteronormativas e repressivas, influenciadas pela religião e pela idade; já as demais indicam abertura à diversidade sexual. Do ponto de vista narrativo, esse percurso evidencia a passagem do silêncio motivado pelo temor da reação (não-poder dizer) para a abertura à fala, em que o "poder dizer" emerge, sintetizado na expressão "ninguém se importa". O tema da repressão dá lugar ao da aceitação.

Os termos opostos que se depreendem são medo **vs.** confiança, silêncio **vs.** fala, repressão **vs.** aceitação, heteronormatividade **vs.** diversidade sexual. Essas tensões revelam como a identidade bissexual é construída em constante negociação entre ocultamento e visibilidade, entre a força de dogmas religiosos e a abertura proporcionada pela pluralidade de experiências familiares. O núcleo de sentido evidencia que a assunção da identidade não é apenas individual, mas relacional, dependente das transformações no espaço social e familiar.

Segundo a perspectiva Landowski (2012), inicialmente a entrevistada teme a rejeição do grupo paterno fechado, configurando-se um regime de segregação potencial. Com a revelação dos irmãos, abre-se espaço para a admissão da diferença, permitindo que ela assuma sua bissexualidade sem temor de exclusão. Esse percurso evidencia que a identidade se mostra fluida não somente porque transita entre diferentes grupos de referência, mas porque depende da transformação dos regimes de interação que regulam a alteridade. Tal dinâmica revela o peso dos discursos sociais (religiosos, normativos e de diversidade) na configuração das relações familiares e na assunção de identidades sexuais.

A pergunta seguinte abordou o processo de assumir-se como bissexual no âmbito social (escola, trabalho, comunidade). A entrevistada relata que na escola não enfrentou problemas de aceitação, pois não sentia atração por colegas. No trabalho, optou pelo silêncio por considerar o ambiente pouco propício. Já na

faculdade, em uma cidade maior e mais desenvolvida, o reconhecimento tornou-se mais evidente: nesse novo espaço, não sentia medo de falar sobre mulheres, e por manter uma relação heteronormativa, também não se percebia como alvo de julgamentos.

(00:10:16) Ninguém falava nada sabe, porque era aquela coisa assim meio normalizada, tipo sair da minha cidade sem entender direito aquilo e chegar na faculdade em outra cidade bem maior. [...] Então sempre o que me chamou mais atenção foram as meninas. Eu já namorava com o *** (nome do marido), inclusive. Faz 13 anos que a gente tá junto. Então, quase toda essa parte, depois que eu me entendi bi, que eu vi que lá atrás aquilo lá não era coisa de é..., no caso, eu já estava num relacionamento, e tudo bem, heteronormativo, enfim. Então eu não sentia que eu era julgada assim, sabe?

(00:15:37) Foi assim, ó, uma abertura de visão quando eu fui pra *** (nome da cidade onde cursou graduação), que até que, como eu comentei aqui, tipo, ficava com meninas e tal, era aquela coisa meio escondido. Mas numa balada lá em *** (nome da cidade) era normalizado isso. Tipo, eu até fiquei chocada no começo, depois eu achei supernormal. E quando eu fui pra *** (nome da cidade onde cursou pós-graduação), mais ainda. A gurria que eu dividia apartamento ficava com outra gurria, ficava um tempo e depois ficava com os meninos e eu, "tá bom, que legal, nossa". Eu, tipo, foi um choque muito grande, porque eu vi que não era uma coisa assim, "ai, Bi, festinha". No caso era, assim, pessoas se relacionando, levando como tem que ser realmente, na maior naturalidade, um dia estar com menino, outro com menina. Tipo, tem muito isso lá. O pessoal demonstra que está junto, demonstra carinho, demonstra afeto.

Nos trechos em foco, a participante descreve sua experiência de assumir-se bissexual em diferentes espaços sociais — escola, trabalho, universo acadêmico e comunidade. O relato mostra que, em contextos mais próximos e regulados por normas rígidas (escola, trabalho), prevaleceu o silêncio, seja pela ausência de atração concreta que pudesse gerar questionamentos, seja pelo receio de não aceitação. Já no ambiente universitário, especialmente após a mudança para cidades maiores e socialmente mais abertas, a entrevistada encontra condições favoráveis para a expressão de sua identidade, sem sentir-se julgada. Destacamos que a figura da "cidade pequena" contraposta à "cidade maior" concretiza o tema da passagem de um espaço de restrição para um espaço de liberdade, em que a diversidade sexual é mais visível e naturalizada.

O percurso revela uma transformação significativa: do estado inicial de contenção e ocultamento, marcado pelo não-poder dizer, para um estado de abertura e reconhecimento, em que se demarca o poder-dizer. Essa mudança não se dá apenas pela decisão individual, mas pela alteração do contexto social e dos

grupos de referência. O choque inicial diante da naturalização das relações homo e bissexuais em ambientes urbanos maiores é seguido pela incorporação dessa vivência como parte de sua própria identidade.

No nível fundamental, o discurso organiza-se em torno de oposições como restrição *vs.* liberdade, silêncio *vs.* fala, heteronormatividade *vs.* diversidade, julgamento *vs.* aceitação. Essas tensões estruturam o núcleo de sentido dos excertos, evidenciando que a identidade bissexual é construída em constante negociação entre ocultamento e visibilidade, entre a necessidade de pertencimento e o desejo de afirmação.

À luz da sociosemiótica, observamos a variação dos regimes de interação conforme o contexto. Nos espaços mais próximos e normativos (escola, trabalho), prevalece a assimilação, em que a entrevistada internaliza os valores dominantes e evita expor sua diferença. Já nos ambientes universitários e urbanos, emerge um regime de admissão, em que a diversidade é aceita e até naturalizada, permitindo-lhe assumir sua identidade sem medo de exclusão.

É preciso considerar que o relacionamento heteronormativo, por sua vez, contribuiu para que, em espaços públicos, a entrevistada fosse percebida pelos outros como heterossexual, o que reduziu a possibilidade de julgamento ou exclusão. Esse relacionamento não apaga a identidade bissexual da entrevistada, mas contribui para um efeito de invisibilização decorrente da lógica binária que estrutura os discursos sobre sexualidade, nos quais a bissexualidade tende a ser silenciada ou confundida com heterossexualidade ou homossexualidade, conforme o parceiro do momento.

Essa dinâmica de visibilidade e invisibilidade se torna ainda mais evidente quando a entrevistada relata situações em que foi identificada de forma equivocada por terceiros. Em outro estado, por exemplo, foi automaticamente rotulada como lésbica em razão de estereótipos associados à sua aparência e comportamento.

(00:10:16) Nossa, eu acho que eu nunca fui vista como Bi até pouco tempo atrás. [...] quando eu cheguei no ***(nome do estado) foi outra história, porque o pessoal achou que eu era caminhoneira [...]. Quando eu mostrei meu celular, que eu desbloqueei o celular, eu tinha uma foto minha e do *** (nome do marido). Eu falei que eu era casada. "Não! mas a gente achou que era com mulher". Então, tipo, não sei o meu estereótipo lá. Sempre acharam que eu fosse lésbica, sabe? Nem achavam que eu me relacionava com homem.

O episódio mostra que, diante da lógica binária que organiza os discursos sobre sexualidade, os sujeitos são frequentemente enquadrados em categorias simplificadas — heterossexual ou homossexual — sem que se reconheça a fluidez

própria da bissexualidade. No caso da participante, se, por um lado, o relacionamento heteronormativo levava os outros a percebê-la como heterossexual, por outro, determinados estereótipos faziam com que fosse vista como lésbica. Em ambos os casos, sua identidade bissexual permanecia silenciada ou confundida, confirmando o que Foucault (1999) aponta sobre os modos como as práticas discursivas e as categorizações delimitam e regulam as identidades sexuais. Ao mesmo tempo, o relato dialoga com Shaw (2022), mostrando que, mesmo em espaços de maior abertura, ainda persiste a tendência de reduzir a bissexualidade a leituras binárias, ora invisibilizada pelo parceiro hetero, ora confundida com homossexualidade em função de estereótipos.

No que tange aos relacionamentos amorosos, foi questionado se houve abertura com os parceiros sobre ser bissexual e como foi revelar isso para eles. A entrevistada reporta que apenas revelou para o marido, depois de casados, e que a revelação se deu após uma festa em que ele a viu beijando uma menina.

(00:18:47) Ele chegou e viu. Daí ele meio que deu um piti, assim [...] chorei, falei "você pode beijar homens também". [...] no outro dia eu fui conversar com ele, né? Daí ele falou não, super de boa, não tem problema, não. [...] Hoje em dia ele me mata de vergonha, porque ele fica falando na academia e me tirando do armário toda vez.

O trecho, a figura "deu um piti" revela a surpresa e a não aceitação imediata por parte do marido, corroborando ideologias heteronormativas vigentes. Após a conversa, há uma mudança de estado, quando este passa a admitir a condição de bissexual da esposa. De um lado, observa-se o regime de admissão, já que sua identidade é reconhecida e aceita no espaço íntimo. De outro, o constrangimento que sente ao ser identificada publicamente como bissexual – "me mata de vergonha, porque ele fica falando na academia e me tirando do armário toda vez" – aponta para uma tendência ao regime de segregação, revelando os limites da visibilidade dessa identidade em determinados espaços sociais.

No nível profundo, estabelece-se uma relação entre aceitação **vs.** negação e privado **vs.** público. Se no espaço íntimo e familiar sua bissexualidade é admitida, no espaço social ela ainda parece ser motivo de constrangimento, revelando o receio da não aceitação e da possível exclusão por parte de determinados grupos. Esse temor evidencia que os tabus históricos em torno da sexualidade – produzidos por discursos religiosos, médicos e jurídicos, que rotularam práticas não heteronormativas como pecado, doença, desvio ou anormalidade (Foucault, 1999; Angelides, 2001) – seguem condicionando as interações sociais e alimentando receios (e práticas) de exclusão.

Em relação ao eixo temático da religiosidade, a entrevistada conta que frequentou a igreja desde pequena, fazendo parte diretamente dos ritos no papel de coroinha e isso se perpetuou até a entrada na faculdade, quando, ao tomar mais contato com os discursos científicos, acabou se afastando da igreja católica. A entrevistada passa a se definir como "católica não praticante", mantendo a crença em Deus, mas rejeitando a normatividade rígida da instituição.

(00:23:03) É, cresci numa família bem religiosa, católica. Fui coroinha dos 8 aos... tá, não me serve mais a roupa, acho que 13, 14 anos. Sempre fui muito dentro da igreja. Aí quando eu comecei a faculdade, aí tu vai vendo, vai estudando a evolução, né? Fui me afastando mais da igreja. Hoje em dia, eu acho que eu sou católica, não praticante. Faz tempo que eu não vou na missa, acredito em Deus. [...] Às vezes as pessoas pegam umas coisas da bíblia que não tem nada a ver e querem fazer disso a resposta para tudo, sendo que a gente sabe que muita coisa foi perdida. [...] Se Jesus viesse hoje, você acha que ele ia estar onde? No meio do bando de gente armada, dentro de um abatedouro? Não, Ele iria estar num campo, ele ia estar acolhendo as prostitutas, pobres, os gays, então.

As figuras "igreja", "coroinha", "missa", "bíblia", "Jesus", "faculdade", "ciência", "evolução" concretizam o tema da religiosidade em confronto com o saber científico. Ao perguntar "se Jesus viesse hoje, você acha que ele ia estar onde?", a entrevistada constrói uma oposição entre espaços de morte e exclusão (violência institucionalizada) — "no meio de gente armada", "dentro de um abatedouro" — e espaços de vida e inclusão (acolhimento dos marginalizados) — "num campo", "acolhendo prostitutas", "pobres", "gays". A figura de Jesus é mobilizada como argumento crítico, reafirmando o sentido de acolhimento e solidariedade, em contraste com leituras normativas que associam a religião à exclusão ou à violência contra os diferentes.

Do ponto de vista narrativo, novamente se tece um percurso de transformação. Num primeiro momento, o sujeito está plenamente integrado ao grupo religioso e ao valor da fé praticada, desempenhando o papel de coroinha e participando dos ritos. Com o ingresso na faculdade, instaura-se o contato com o discurso científico, que introduz valores concorrentes (racionalidade e evolução) e provoca certo afastamento da prática religiosa. No presente, a entrevistada redefine sua posição: mantém a crença em Deus, mas critica os discursos normativos e violentos, atribuindo a Jesus o valor positivo da acolhida e rejeitando o valor negativo da exclusão.

Assim, tal discurso se organiza em torno dos pares: fé institucional *vs.* fé pessoal, dogmatismo *vs.* científicidade/criticidade, violência *vs.* acolhimento, exclusão *vs.* inclusão. Esses termos revelam que a identidade da entrevistada se

constrói na tensão entre manter a crença em Deus e rejeitar tanto os discursos normativos quanto os discursos violentos que rotulam e excluem. O núcleo de sentido evidencia uma religiosidade crítica, que busca conciliar espiritualidade com abertura à diversidade e ao saber científico, em oposição às práticas de exclusão e repressão.

O percurso da entrevistada evidencia diferentes regimes de interação (Landowski, 2012) em relação a diferentes grupos/discursos sociais. Na infância e adolescência, sua inserção plena nos ritos da igreja católica corresponde a um regime de assimilação, em que o sujeito se integra totalmente às práticas e valores do grupo religioso, sem espaço para questionamento. Com o ingresso na faculdade e o contato com os discursos científicos, instaura-se uma tensão que rompe essa assimilação e poderia se tornar uma segregação, já que o afastamento da prática religiosa a coloca em posição de distanciamento em relação ao grupo familiar e institucional. No entanto, ao se definir como "católica não praticante", mantendo a crença em Deus mas rejeitando a normatividade rígida da instituição, a entrevistada passa a operar em um regime de admissão: ela continua vinculada ao universo religioso, mas em termos críticos e seletivos, admitindo a diferença entre fé pessoal e dogmatismo institucional. Não se trata, aqui, de exclusão, pois a identidade religiosa não é negada, mas de uma admissão que permite a convivência entre crença e criticidade. Esse percurso mostra que sua religiosidade é negociada entre diferentes discursos sociais.

A pergunta que encerra entrevista é sobre a visão de uma bissexual assumida a respeito do movimento LGBTQIAPN+, como vê a inclusão dos bissexuais e a participação do B no movimento.

(00:29:18) Sabe que eu vi no Twitter esses dias, não sei se chegou a ver, é uma capa de uma revista. Acho que era uma G Magazine de 20 anos atrás. E era a mesma pauta, sabe? Ainda falava assim da invisibilidade do bissexual, né? E daí até a pessoa comentou assim "Nossa, faz 20 anos e a pauta não mudou ainda". A segunda pergunta... não sei, me sinto incluída. Porque eu me incluo, porque eu boto ali a bandeirinha, porque eu falo abertamente. Mas eu não sinto que tenha muita força, não sinto. Não sei. Parece que o movimento gay ou lésbico, eu vejo como os mais fortes. Lá é uma comunidade. Eu acho a nossa comunidade bem dispersa, assim, bem, às vezes tida como indecisa. Não, não é. Bem, as pessoas não entendem e querem opinar. Se bem que ultimamente eu acho que está sendo mais discutido, mais falado e ainda bem mais normalizado, sabe?

As figuras "revista", "Twitter", "invisibilidade", "bandeirinha", "movimento gay", "movimento lésbico", "comunidade dispersa", "indecisa", "normalizado" concretizam o tema da participação dos bissexuais no movimento e da percepção

de sua força relativa. A referência à capa de revista de vinte anos atrás, que já discutia a invisibilidade da bissexualidade, evidencia a persistência histórica desse problema e reforça a continuidade da marginalização.

Do ponto de vista narrativo, estabelece-se uma tensão entre invisibilidade e autoafirmação. A entrevistada reconhece a fragilidade da representação bissexual frente à coesão dos movimentos gay e lésbico, mas constrói sua própria inclusão por meio de práticas discursivas: "eu me incluo, porque eu boto ali a bandeirinha, porque eu falo abertamente". Os valores em conflito são dispersão e incompreensão, de um lado, e força e reconhecimento, de outro, sendo o valor desejado a normalização da bissexualidade.

Os termos opostos que fundamentam esse discurso são invisibilidade *vs.* visibilidade, dispersão *vs.* coesão, incompreensão *vs.* reconhecimento, exclusão *vs.* inclusão. O núcleo de sentido revela que a identidade bissexual é negociada entre marginalização e autoafirmação, mostrando que a inclusão é conquistada.

À luz das proposições de Landowski (2012), a invisibilidade histórica da bissexualidade remete a um regime de segregação, em que o grupo existe, mas é marginalizado ou pouco compreendido mesmo dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. A atitude da entrevistada de se incluir por iniciativa própria corresponde a um regime de admissão, já que ela busca para si um espaço de pertencimento, mesmo diante da fragilidade de reconhecimento coletivo. O percurso mostra que a inclusão dos bissexuais no movimento ainda é marcada por tensões entre segregação e admissão, mas aponta para uma transformação recente, em que a pauta começa a ser mais discutida e normalizada.

Considerando o conjunto de relatos analisados, a trajetória da entrevistada evidencia que a bissexualidade se constrói em meio a vivências atravessadas por discursos sociais e históricos de intolerância, os quais legitimam determinados grupos e desqualificam outros, negando sua validade. Os discursos religiosos com os quais cresceu são marcadamente heteronormativos, sancionando negativamente outras formas de sexualidade como pecado (Foucault, 1999; Barros, 2011). Além disso, estudos científicos sobre a sexualidade reforçaram essa sanção ao explicarem a homossexualidade como doença, desvio ou anormalidade (Foucault, 1999; Angelides, 2001). Esses discursos ainda circulam na sociedade, em disputa com narrativas contemporâneas que buscam legitimar a diversidade sexual.

Sua jornada espiritual e identitária revela a tensão constante entre narrativas excludentes e os esforços pessoais em busca de aceitação. A demora em assumir a bissexualidade pode ser compreendida como estratégia de autopreservação diante desses discursos, refletindo o medo de julgamento, rejeição ou isolamento

em seus grupos de referência. Ao mesmo tempo, episódios de autodescoberta foram mantidos em segredo até que um momento de transformação possibilitou a revelação, sem alterar o equilíbrio do relacionamento. Esse percurso reflete não só o conflito entre fidelidade a si mesma e conformidade às expectativas externas, mas também evidencia a evolução da confiança e da aceitação em uma relação íntima.

A sensação de desconforto experimentada ao ter sua bissexualidade exposta em ambientes públicos revela a persistência e o peso dos discursos de intolerância no tecido social. Esse fenômeno mostra como o temor de rejeição pode permanecer mesmo em contextos de aparente segurança, evidenciando a força de estruturas identitárias cristalizadas que ainda moldam as interações sociais e pessoais.

Em síntese, a trajetória da entrevistada ultrapassa a narrativa individual de autodescoberta e afirmação para se configurar como reflexo de dinâmicas sociais mais amplas, ainda permeadas por discursos de intolerância. Sua experiência ilumina a difícil tarefa de viver a bissexualidade em um contexto marcado por visões estreitas e imposições normativas, ao mesmo tempo em que revela a resiliência e a capacidade de reinvenção diante desses obstáculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista que analisamos revela como concepções históricas em torno da bissexualidade se articulam com discursos sociais e científicos, moldando sua visibilidade e reconhecimento ao longo do tempo. Os fatores relacionados à aceitação/inclusão e à negação/exclusão emergiram de forma clara no relato da participante, expondo ideologias, valores e vivências às quais foi submetida. Esse material nos permite compreender como a identidade bissexual interage com ideologias e discursos vigentes, ressaltando a importância de questionar estereótipos historicamente construídos, buscar maior inclusão no movimento e afirmar a bissexualidade como identidade legítima.

Nesse contexto, o movimento LGBTQIAPN+ desempenha papel decisivo. As vozes e ações militantes desse coletivo têm sido fundamentais na criação de uma arena onde identidades sexuais encontram um palco para serem reconhecidas e entendidas, desfazendo anos de marginalização e equívocos. Essa militância transcende a simples oposição ao preconceito, abraçando uma luta mais ampla por um respeito universal e incondicional a todas as formas de expressão de gênero e sexualidade, redefinindo os paradigmas sociais para acolher a diversidade em sua plenitude.

Contudo, mesmo diante dos avanços conquistados, persiste um longo caminho rumo à plena visibilidade e valorização da identidade bissexual. A experiência da entrevistada mostra que a inclusão não é automática, mas fruto de práticas discursivas, familiares e coletivas que desafiam estereótipos e ampliam horizontes de legitimidade. Compreender a bissexualidade como identidade legítima e complexa implica, por fim, reconhecer tanto os obstáculos impostos por discursos normativos quanto a potência de reinvenção e resistência que emerge das trajetórias individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

- ANGELIDES, S. *A History of Bisexuality*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 2001.
- BARROS, D. L. P de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BARROS, D. L. P. de. A Construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, D. L. P. de. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011, p. 255-270.
- BCN. Notícia da Comunidade Bi. *A Bandeira Bi*: tudo o que você precisa saber. [s.d] Disponível em: <https://bicomcommunitynews.co.uk/flag/> Acesso em: 10 fev. 2023.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2000.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FREUD, S. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 3.ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Barueri/SP: Atlas, 2021.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2013.
- HEENEN-WOLFF, S. *Homosexualités et stigmatisation: Bisexualité, homosexualité, homoparentalité*. Nouvelles approches. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.
- HÉRITIER, F. O Eu, o Outro e a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, F. *A Intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 24-27.

HOOKER, E. The adjustment of the male overt homosexual. *Journal of Projective Techniques*, v. 21, n. 1, p. 18-31, 1957.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E. *Sexual behavior in the human male*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1948.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTIN, C. E.; GEBHARD, P. H. *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1953.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro*: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SHAW, J. *Invisibilidade*: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade. São Paulo: Cultrix, 2022.

SULLIVAN, N. *A Critical Introduction to Queer Theory*. Nova Iorque: New York University Press, 2003.

TREVISOL, B. *E eu gosto de homens e de mulheres e você o que prefere?*: a influência dos discursos sócio-históricos no ato de assumir a bissexualidade. 2025. 141 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de Passo Fundo, 2025. Disponível em: <https://repositorio.upf.br/items/645361c8-d917-4559-8d26-67cadab99a6b>. Acesso em: 10 fev. 2026.

Enviado em: 10 de outubro de 2024
Aprovado em: 24 de fevereiro de 2026